

ARTES CÊNICAS

Gisela Arantes cria metáfora sobre a vida em 'Náufrago'

Atriz se inspirou em história real de marinheiro colombiano para escrever sua obra

NATASHA SZANIECKI

Especial para o Estado

Estreia hoje em São Paulo, no Teatro Cultura Inglesa, o espetáculo *Náufrago*. A peça é escrita e interpretada por Gisela Arantes, a peixinha do programa *Glub Glub*, da TV Cultura. O outro ator, um novato na área, é o músico Skowa. A direção é de Maurício Paroni de Castro.

Inspirada em fato verídico, *Náufrago* se passa na década de 50. Para que não ficasse só nos fatos, o diretor decidiu colocar uma dose de surrealismo na peça. "É um texto com duas histórias que correm paralelamente", explica o diretor, que em 1994 recebeu o Prêmio Il Contemporâneo Milano-90, pela montagem *Oplá, Siamo Vivi!*.

A idéia de escrever *Náufrago* surgiu da notícia de um jornal colombiano. Há sete anos, Gisela leu sobre a história de um marinheiro que sobreviveu depois de passar dez dias à deriva sobre uma balsa salva-vidas. Sem comer nem beber, ele conseguiu se salvar. A balsa atracou exatamente em sua terra natal, a Colômbia.

"Essa história me marcou muito, porque o marinheiro chegou tão perto da morte e acabou encontrando a vida, o lugar onde nasceu", diz Gisela.

Para a autora, a única dificuldade em transformar o fato jornalístico em texto para teatro era colocar um oceano e um marinheiro em cena sem ficar monótono. "Foi o Paroni que me incentivou a escrever", diz a atriz, que em menos de um mês já tinha a primeira versão pronta. Depois disso, o texto passou pelo crivo do diretor e de alguns amigos, que deram opiniões para as mudanças necessárias. "Acabei fazendo três versões e descobri esse lado da escrita em mim", conta Gisela, que até então nunca tinha escrito uma peça.

Escrever não foi o problema mais difícil para a atriz. Para ela, lidar com a produção e com os problemas financeiros é muito mais complicado. "Produzir uma peça no Brasil é uma tarefa nada fácil", diz ela.

O personagem principal — o marinheiro interpretado por Gisela — conversa muito com Deus. Principalmente no começo da peça, quando ele olha para o céu, sem entender

por que Deus o deixou sozinho no mar. A beleza do texto aparece quando ele aceita enfrentar a situação. "Toda a história é uma metáfora da vida: muitas vezes nos sentimos sozinhos, à deriva, sem saber o que fazer", diz a atriz. "É quando precisamos nos despir e ficar tranquilos para que tudo se resolva."

É aí que Gisela transmite o que pretendia ao público: a vontade e a força que todos devem ter para solucionar os mais diversos problemas. Há duas semanas, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, o espetáculo foi apresentado na Febem. "Foi muito emocionante, pois

os meninos se identificaram com a questão da liberdade que está implícita no texto", diz. "E não é só a liberdade externa, mas também a interna, temos de libertar fantasias e fantasmas internos que tanto nos perturbam."

O espetáculo deve ainda seguir turnê pela Itália. Quem quiser ver Gisela e o músico Skowa interpretando três personagens — a mãe do marinheiro, a namorada prostituta e um amigo bebedor —, tem até o dia 31 de março.

SKOWA
INICIA
CARREIRA
DE ATOR



Gisela: da peixinha de 'Glub Glub' a marujo perdido no oceano